

A PROXIMIDADE DISTANTE DA ESPERANÇA: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO ROMANCE *A ESPERANÇA É UMA TRAVESSIA* DE LAILA LALAMI

Francisca Zuleide Duarte de Souza (UEPB)

Resumo

Este artigo apresenta uma leitura do romance *A esperança é uma travessia* (2007) da escritora marroquina Laila Lalami, discutindo a diáspora contemporânea e a invisibilização dos subalternizados, com ênfase na figura feminina.

Palavras-chave: Literatura do Marrocos, Narrativa Feminina, Laila Lalami.

O desejo de fuga para uma realidade menos dolorosa, a promessa, às vezes vã, de melhores condições de vida habita o imaginário de pessoas vivendo sob regimes totalitários ou recém libertos desses, criando a ilusão de que se pode deixar, definitivamente no passado, a experiência/vida que se quer apagar. O esquecimento como meta para construção de uma nova realidade é atravessado por lembranças recorrentes e por obstáculos às vezes intransponíveis ou quase. O sonho alimentado de transpor barreiras, romper os diques que represam as possibilidades de passos mais além é acompanhado pelo sentimento de esperança, de fé na vitória contra obstáculos da mais diversa ordem.

O primeiro conflito enfrentado por quem deseja migrar é pessoal e intransferível. Arrancar-se da terra natal deixando família, amigos, afetos é a primeira batalha. A decisão não anula o sofrimento, mas deixa se substituir, pouco a pouco, pela fantasia de ganhos maiores. A imaginação do futuro migrante viaja nas belezas da terra prometida, eterno mito do eldorado. O sofrimento, a saudade, as privações e, principalmente, os riscos de uma empresa nem sempre segura dão lugar ao idílio com a miragem, o longe, a terra do porvir.

Paralelamente, há uma forte indústria de captação de indivíduos que se endividam e arriscam o pouco que tem numa aventura incerta.

É esta a situação das personagens Murad, Faten, Halima e Aziz no romance *A esperança é uma travessia* (2007) da autora marroquina Laila Lalami.

Primeiro romance marroquino publicado em inglês, o romance teve enorme sucesso de público, inscrevendo as letras marroquinas no universo de língua inglesa. Para esclarecer, a

excelente literatura marroquina contemporânea tem textos publicados em francês, em sua grande maioria, em espanhol como nas línguas nacionais. Isto explica o fato de o Marrocos ter ficado sob o protetorado da Espanha e da França até 1956. Autores como Tahar Ben Jeloun, Fatema Mernissi, Driss Chraïbi, Abdellatif Lâabi entre outros publicam em francês, enquanto Mohamed Zafzaf e Mohamed Choukri o fazem em árabe. Compreende-se que o árabe marroquino ou as línguas berberes não tenham muitos falantes fora do Marrocos daí a necessidade de, calibanescamente, usar a língua do colonizador para divulgação mais abrangente da arte literária do país.

Catorze quilômetros separam os pretensos migrantes do sonho de liberdade. A Espanha depois da curta travessia que se revela um autêntico desastre. O caráter clandestino da aventura enche de expectativa os viajantes. A ansiedade revela-se em passagens como

Catorze quilômetros. Murad avaliou esse número centenas de vezes no último ano, tentando decidir se valia a pena ou não. Houve dias em que dizia a si mesmo que a distância não era nada, uma pequena inconveniência, que a travessia levaria uns trinta minutos se o tempo estivesse bom. (LALAMI, 2007, p.9)

Seria mesmo fácil, como Murad idealizava? O bote para a duzentos e cinquenta metros de Tarifa e o comandante exige que todos saiam do barco e nadem a distância que falta para a terra firme. O alvoroço reinante cai como uma bomba entre os passageiros que nem dispõem de muito tempo para a protestos porque o Zodiac (significativo nome para transportar destinos que querem mudar sua rota) acaba por virar.

Quem conseguirá fugir da guarda costeira e chegar a Espanha? Esta interrogação se põe no primeiro capítulo do livro, intitulado “A viagem”, quando o narrador já apresenta cada personagem no seu cotidiano.

Segundo Stéfane Mosès:

o exílio não significa somente e talvez nem mesmo fundamentalmente, o distanciamento geográfico em relação ao país (lugar) de origem; o exílio é a separação ela própria, isto é um apartar-se em relação ao mundo e à sua história(1982,p 186).

Esta leitura reflete sobre a gênese dessa esse exílio voluntário, para o *locus* do antigo colonizador(antigo protetorado), em busca de oportunidades, de trabalho que garantirá desafogo econômico e assistência à família deixada na pátria, de conforto e da esperança de juntar-se aos queridos em melhores tempos. Este tipo de exílio que motiva o homem, é retratado no texto de Laila Lalami como a nova busca da terra prometida. A velha e viciada

terra do colonizador com a sedução do desenvolvimento, do bem viver, da novidade. Este atual e renovado canto de sereia leva Aziz Ammor a partir da casa dos pais, deixando ali Zohra, a esposa, a quem promete retornar em dois ou três anos. A partida do homem, em princípio, enfrentou uma grande oposição que afrouxou nos sucessivos meses de desemprego. A escassez de trabalho, as ofertas de atividades informais e um tanto arriscadas fizeram Aziz buscar lutar pelo dinheiro que lhe possibilitaria atravessar os tais catorze quilômetros.

O enorme sentimento de culpa apoderou-se do homem na preparação da travessia. Sentia-se responsável pela esposa, deixada com os seus pais na expectativa do retorno dali a dois ou três longos anos. Aziz saboreou o pão, aspirou o aroma do chá, para levar na memória a pátria que largava, lançando-se ao sonho:

Aziz tentou memorizar cada sensação que podia_o sabor do pão de trigo, o cheiro do chá de menta fumegando, a textura do divã debaixo dele, o som de seu pai dedilhando as contas da oração. Sabia, que, nos meses que se seguiriam, precisaria de cada uma delas para ajudá-lo a sobreviver.(LALAMI, 2007, p.94)

Aziz sabia que no exílio, alimentar-se-ia das lembranças e do desejo de retorno. Aproveitar as emoções aguçadas pelos sentidos, gravá-las no escrínio da memória era a forma de não perder os laços, de não se perder de si mesmo...

A capacidade de perceber as coisas miúdas faz da narrativa de Lalami o painel da sociedade marroquina independente. A retirada dos protetorados, as refregas políticas por liberdade não deixaram o cidadão comum em condições mais favoráveis de vida. Em Rabat como em Casablanca ou Tânger, os desvalidos da sorte continuaram o doloroso périplo em busca de dias melhores. Daí compreender-se o desejo do exílio, embalado pela ilusão de uma vida mais larga e, talvez mais feliz.

A noção de *locus amoenus* onde aportar, afinal, a pós a caminhada, conforta mas paradoxalmente também angustia personagens/pessoas que partem, deixando para trás um passado que não se recolhe no olvido, confundindo-se com um presente de perdas, fatalmente aliadas à forma de ser e estar no mundo. Recorrendo a Frantz Fanon compreendemos esse exilado e seus companheiros de quem falaremos adiante como “condenados da terra,” considerando o fato de empreenderem uma viagem que os exila também, da possibilidade de sobrevivência no lugar de pertença, como o Adão de Heinrich Böll na obra *Wo warst du Adam?* (1951) ou como o dilemático “José” de Drummond: marcham para onde? Aonde vão

dar, na busca da vida perdida a cada movimento do Zodiac, a cada barulho sugerindo a presença da guarda costeira.

Murad Idrissi também é passageiro do Zodiac. Homem instruído, formado em literatura, vivia de trabalhos esporádicos, mostrando o paraíso marroquino do escritor Paul Bowles ou o palácio de Bárbara Hutton aos turistas. O dinheiro que trazia para cas era pouco e vivia a expensas da irmã Lamyá. Movera céus e terra para conseguir o dinheiro e pagar o pela travessia no Zodiac. Animava-o a esperança :

Tudo vai ficar bem agora. Ele se consola com a antiga fantasia que o sustentava em casa, durante todas aquelas noites, nas quais não conseguia dormir, pensando em como pagaria o aluguel e alimentaria sua mãe e seus irmãos. Imagina o escritório no qual irá trabalhar, pode ver seus dedos movendo-se rápida e precisamente sobre o teclado, pode ouvir o telefone tocando. Imagina-se indo para casa, um moderno apartamento bem mobiliado, a esposa o cumprimentando, a televisão ao fundo.(LALAMI, 2007, p. 20).

Preso pela guarda costeira, Murad amargou a detenção e o interrogatório do inglório retorno. Não conseguiu ultrapassar os catorze quilômetros que o levaria a Tarifa e ao velho mundo novo, retornando humilhado e triste à condição anterior. Uma enorme vergonha apodera-se dele:”Como vai poder mostrar a cara em Tânger outra vez?”(p.22). A esperança de uma nova tentativa de anima o sonhador Murad que calcula, com a venda das pulseiras da mãe, tentar novamente. Um emprego na loja de uma amigo do cunhado redirecionou o destino do rapaz. Entre tapetes, turistas e livros, o Murad se descobre um “contador de histórias”, criando um universo particular, capaz de abrigar os sonhos e a as fantasias que nunca o abandonaram. As esperanças do agora escritor, adquirem foros de realidade, pela escrita, exílio possível.

Halima e Faten: destinos cruzados

A jovem Faten também era passageira do Zodiac juntamente com Aziz, Murad, Halima e outros mais. Fiel seguidora do Corão, a jovem estreitou laços de amizade com Noura, a filha de importante autoridade marroquina. A convivência com Faten desperta em Noura o interesse pela religião e sua mudança de comportamento preocupa Larbi e Salma que logo atribuem a culpa da mudança à jovem amiga. O ambiente fica tenso quando, Noura se recusa a viajar para o estrangeiro (EUA) a fim de prosseguir os estudos. Intrigado, Larbi resolve pedir a opinião de Faten que responde:

Não acha que um diploma de uma universidade estrangeira seria melhor para ela?

— Não, não acho. Acho que é uma vergonha valorizarmos sempre diplomas estrangeiros mais do que os nossos. Ficamos tão cegos de amor pelo Ocidente que estamos dispostos a dar-lhes o que temos de mais brilhante, em vez de manter tudo aqui, onde precisamos deles.(LALAMI, 2007, p. 50).

No discurso de Faten, a crítica à mania, tal como analisada por Daniel Henri Pageaux e Manuel Álvaro Machado (2001), a mania de considerar melhor tudo o que vem de fora. O complexo de inferioridade, o preconceito herdado do colonialismo que leva a desprezar a cultura local, para buscar o brilho e a grandeza falsos do ocidente. Postura longamente cultivada pelo discurso eurocêntrico de supostas superioridade e excelência. Esclarecida, a jovem Faten sabe os riscos que corre com aquelas afirmações. Porém firme nas suas convicções ela ousa externá-las, para sua ruína.

O ódio que Faten despertou no pai de Noura levou-o a tramar sua reprovação e consequente desastre na vida da jovem. Ao ser questionado pela filha sobre a possibilidade de ajudar a amiga, ele despeja todo rancor sufocado, respondendo com ironia: “ — Não creio que seja possível. Precisaria infringir a lei. Extremamente não-islâmico, como você bem sabe, ele disse.”(LALAMI, 2007, p.54).

Larbi decidiu, num só golpe, o destino da filha Noura e da amiga Faten. Descobrimo os objetos de devoção de Noura, pensou na própria mãe e compreendeu o caminho sem volta que a filha escolheu. Já Faten empreendeu outra travessia, começando no bote inflável que a conduziu a Tarifa. Ali percebeu a necessidade de usar os recursos extremos de que fala o Corão. Para Faten, aceitar a corte do Guarda Civil espanhol era uma situação limite. Considerou:

Não precisava falar espanhol para saber que ele queria fazer um trato com ela. Lembrou-se do que seu *iman* havia dito na mesquita subterrânea em Rabat: que situações desesperadas pedem medidas desesperadas.(LALAMI, 2007, p.140)

Subjugada sexualmente pelo guarda, Faten viu traçar-se um novo destino: a vida acadêmica fica para trás, em Rabat. O uso do *hijab*, as contas para rezar, os sonhos de servir à pátria também se distanciaram. A devoção foi abalada com a mudança radical de vida. Faten precisava distrair os homens que a procuravam a fim de receber o dinheiro com que se

mantinha no apartamento que dividia com Betoul. A desesperança, a amargura, refletem-se em pensamentos como os transcritos a seguir:

Pensou em sua melhor amiga, Noura, lá em Rabat e ficou imaginando o que teria acontecido com ela, se mantivera o *hijab* ou, como Faten, teria parado de usá-lo. Noura provavelmente ainda o usava. Ela era rica; podia se dar ao luxo da fé. Mas, então, Faten pensou, Noura também podia se dar ao luxo de não ter fé; provavelmente achou que o *hijab* a limitava demais e acabou tirando-o para mostrar suas roupas de grife. O dinheiro tinha dessas coisas. Ele nos dava escolhas. (LALAMI, 2007, pp. 137-38).

Empurrada pelo destino, a fanática seguidora do Corão tornou-se uma dama da noite, negociando o corpo antes sonegado aos olhares indiscretos, ciosamente protegido da cupidéz de estranhos. Despir as vestes, deixar-se macular no corpo e na alma, representou, para Faten, o exílio de si mesma, de suas convicções mais arraigadas, de sua forma de se relacionar com o universo. Estrangeira para si mesma como disse Julia Kristeva (1991), Faten escolhera alguém com quem não se encontrasse muito para dividir o apartamento. Como ela trabalha na noite, encontrou Betoul, funcionária diurna.

Na Espanha, Faten conheceu o estranhamento da desterritorialização (Deleuze e Guatarri: 1975) as datas festivas tinham sido esquecidas, o vestuário austero abandonado e até o exemplar do Corão jazia numa mesinha empoeirado pela falta de uso. Embalada pela atenção do adolescente Martín, a moça julgava estar diante de uma pessoa diferente. Afinal, ele demonstrava interesse pela pessoa e não só pelo sexo comprado. Entretanto, o sonho da idealista Faten desmorona ao constatar o interesse sexual após tantas tentativas de confiança. Desencantada, a moça pagou com o corpo e viu ruir seu ídolo de barro. Um diálogo desagradável acontece na última visita de Martín:

— Por que você vem a mim? — perguntou Faten. — Há muitas garotas lá fora. Como Isabel e...

— As mulheres neste país não sabem como tratar um homem. Não do jeito que vocês, garotas árabes, fazem.

Faten sentiu a raiva crescer dentro dela. Queria lhe dar um tapa na cara.

— Estive lendo_ele disse_sobre as obrigações da mulher para com o homem e essas coisas. É um assunto fascinante. (LALAMI, 2007, 141)

O mesmo machismo odiado no próprio pai, no pai de Noura e em outros homens aflorava com vigor no discurso de Martín. Propôs tomar conta dela, ajudá-la a conseguir situação legal perante a imigração e outros favores, pagáveis naturalmente, com serviços sexuais e subserviência. Era demais para a jovem. Despediu-se pedindo que não tornasse a

procurá-la. Faten precisava reavaliar a vida naquele exílio. De repente, lembrou-se do *eid* (festa da quebra do jejum)e decidiu cozinhar os pratos tradicionais e aguardar a amiga para partilhar a refeição.

Para Halima, mãe de família, provedora do lar, os maus tratos do marido Maati a levam a procurar o Zodiac com os filhos a fim de fugir à vida que levavam. Tentando divorciar-se do marido Halima encontrou preconceito social, exploração e toda sorte de achincalhe. Os homens representantes da lei também não agiram corretamente com ela. Ao questionar o juiz a quem tentou subornar se ele garantia para ela a guarda dos três filhos foi expulsa da casa com uma saraivada de impropérios.

Halima sonhava migrar, como os irmãos instalados na França e em condições de enviar dinheiro para Fatiha, sua mãe. Ela, entretanto, com três filhos, sem dinheiro para aviar a documentação e, principalmente, sem tempo para aguardar nas imensas filas à frente da embaixada, optou pela viagem clandestina que não lhe saiu bem: jogada na água, Halima e os dois filhos menores foram salvos pelo filho Farid, que granjeou, a partir de então, a fama de santo. A fama do menino atravessou Casablanca e embora a mãe negasse a santidade, os vizinhos assediaram de tal forma que Halima acabou por consentir em certos toques e bênçãos, só para evitar maiores contendas. O menino, surpreso, interpelou a mãe:

- É verdade?-Perguntou ele.
- O quê?
- Que sou um santo?
- Deus o livre, menino_disse, balançando a cabeça.
- Aquela mulher é louca.(...)
- Então por que me pediu pra tocar no filho dela?
- Porque aquele era o único jeito de conseguir que ela fosse embora. Você não viu?
- ...
- Não pode fazer mal, certo?
- Ao menos desse jeito ela foi feliz para casa.(LALAMI, 2007, p.121)

Halima sabia que a credence grassava entre os marroquinos e na sua pouca informação não podia compreender como ainda precisava trabalhar para sobreviver, se tinha um santo em casa. Sua vida mudara desde o retorno porque saiu da casa mãe, que sempre ficava contra ela nas questões com o marido e conseguiu, afinal, o divórcio de Maati. Tornou-se vendedora de *beghrir* (panquecas de semolina) no mercado e foi tocando a vida, transformada em venturosa mãe de um santo a quem até a truculenta avó Fatiha cultuava.

O exílio revelou-se para os Aziz e Faten , únicos que lograram atingir a Espanha, um local de perdas das referências e malogro das esperanças. Aziz não conseguiu levar a mulher para a Espanha pois na travessia perdeu-se dela e ela dela. Não imaginava a vida com Zohra na Espanha. À mulher restou a espera do papéis para migrar, que o marido jamais enviaria pois achava pois,

...não conseguia imaginá-la sozinha num apartamento, sem ninguém para conversar, enquanto ele trabalhava. E ele, também, tinha seus próprios hábitos agora....(LALAMI, 2007, p. 164).

Concluimos, recordando o poeta parnasiano Vicente de Carvalho com seu *Velho Tema*:

Só a leve esperança em toda a vida
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.
O eterno sonho da alma desterrada
Sonho que a traz ansiosa e embevecida
É uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.
Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,
Existe sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

Referências:

- ANAYA FERREIRA, Nair Maria. *Transulturación y Poscolonialismo em el Caribe anglófono*. In: WELLE, F.S.(org). *Multiculturalismo, Transculturación, Heterogeneidad, Poscolonialismo*. México, Herder, 2011.
- DELEUZE & GUATARRI. *Kafka: pour une littérature mineure*. Paris: ed. Minuit, 1975.
- KRISTEVA, Júlia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro, Rocco: 1991.
- LALAMI, Laila. *A esperança é uma travessia*. Rio de Janeiro, Rocco, 2007.
- MOSÈS, Stefhane. *Système et revelation: la philosophie de Franz Rosenweig*. Paris, Seuil, 1982.
- PAGEAUX, Daniel Henri ; MACHADO Álvaro Manuel. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. 2 ed. rev. e aum., Lisboa, Presença, 2001.

Recebido em 30-04-2014

Aprovado em 02-07-2014